

EDITORIAL

EPPUR, SI MUOVE! E contudo, ela move-se!

Assim terá murmurado Galileu, depois e apesar da condenação do Santo Ofício, pisando convicto o chão da Terra que ele afirmara mover-se à volta do Sol e sobre si própria, corroborando o sistema preconizado por Copérnico e que a Igreja rejeitara. Afirmava-o com a autoridade de quem pode ser considerado o fundador do método experimental – combinando o raciocínio indutivo com a dedução matemática – que viria a ser universalmente seguido a partir de então. Preconizava e exibia um “saber de experiência feito”.

Com a luneta que inventara – o telescópio (1609) – esquadrinhou os céus, certificando ou infirmando velhas certezas, desvendando-lhe mistérios, fundando ou fundamentando novos conhecimentos.

Foi, no campo das Ciências, um ícone da mudança: mudou radicalmente a forma de ver o Mundo e de o ver entre outros mundos.

Ainda que com outro enfoque, também o nosso Camões, poeta dos mesmos tempos, ao descrever, na sua obra maior, um fenómeno extraordinário da Mãe-Natureza o fez começando exactamente por: “Vi claramente visto...” e, talvez não por acaso, versejou, lucidamente:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
[...]
E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Se me permite o decano dos nossos líricos, não há uma só forma de mudar, costumeira e segura, tal as fases da Lua ou o nascer do Sol a cada dia... Que até este é questionável a fazer fé no “atrevimento” dos vates populares:

O Sol *prêguntou* à Lua
Quando *havera* amanhecer
À vista dos olhos teus
Que vem o Sol cá fazer? (letra de uma “charamba” que se canta na Ilha Terceira).

Galanterias de amor “cósmico” que também inspira o Cançãoeiro alentejano:

Já prendi o Sol à Lua
E as Estrelas ao Luar:
Já prendi minh'alma à tua
P'ra nunca mais se apartar.

Cosmos invocado pelo amável S. Francisco no seu Cântico das Criaturas em louvor do Senhor, no esplendor da sua Criação:

[...] Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
Especialmente o meu senhor irmão Sol,
O qual faz o dia e por ele nos alumia
E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas:
No céu as acendeste, claras, preciosas e belas [...].

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe Terra
Que nos sustenta e governa [...]

Cosmos que não é, como se vê, mero cenário. Universo onde nada é estático: é habitado pelo movimento e mudar é o próprio da Criatura. Não apenas como um anseio mas como uma dinâmica vital e estruturante – no estritamente fisiológico como no alargadamente (co)existencial. Um processo activo de busca e de resposta, de apreensão, comunicação e encontro, do outro e de si próprio, que desemboca no diverso, no diferente e desejavelmente, no mais avançado, mais completo e mais perfeito.

E é porque, com eles, sempre alguma coisa mudou para melhor no mundo que lhes coube, que se sagraram os Santos.

Maria Lúcia Garcia Marques

O ANO INTERNACIONAL DA ASTRONOMIA (2009) E O CONHECIMENTO DE GALILEU EM PORTUGAL

Henrique Leitão

2009 foi o ano de duas importantes comemorações. A nível mundial, por iniciativa da Organização das Nações Unidas, celebrou-se o *Ano Internacional da Astronomia*, aproveitando a ocasião dos quatrocentos anos sobre o início das célebres observações telescópicas realizadas por Galileu (1609); a uma escala nacional, assinalaram-se os 250 anos da expulsão da Companhia de Jesus dos territórios portugueses, em 1759. Talvez muitos dos que acompanharam estas iniciativas não se tenham dado conta da ironia subtil que a simultaneidade das duas comemorações representa para o nosso país: é que, se houve instituição a quem se ficou a dever a divulgação das ideias de Galileu em Portugal, foi à Companhia de Jesus.

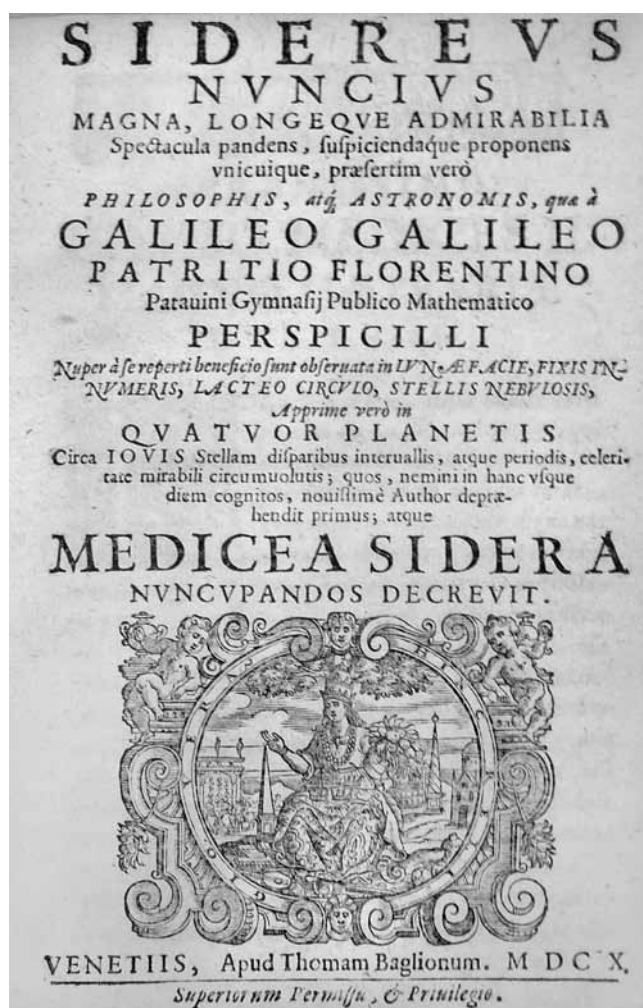
Relembremos os factos essenciais. Nos últimos meses de 1609, Galileu Galilei (1564-1648) iniciou a observação sistemática dos céus com um telescópio. Pouco depois, em Março de 1610, publicou em Veneza o *Sidereus Nuncius*, o «Mensageiro das Estrelas», um primeiro relato dos factos extraordinários que observara. O livro foi um sucesso imediato e Galileu passou, de um dia para outro, de professor sem distinção na Universidade de Pádua para o mais importante cientista da Europa.

As observações telescópicas de Galileu são talvez o acontecimento mais dramático nesse denso complexo de factos a que se convencionou chamar a “revolução científica” do século XVII. Essencialmente, ele observou cinco novos factos: *i*) a aparência rugosa e acidentada da superfície lunar; *ii*) o muito maior número de estrelas, para lá das que são visíveis a olho nu; *iii*) os satélites de Júpiter; *iv*) a configuração peculiar de Saturno; *v*) as fases do planeta Vénus. Se bem que nenhuma destas observações sirva como prova do sistema heliocêntrico que Copérnico havia desenvolvido no *De revolutionibus* (1543), elas constituem golpes muito sérios nas ideias tradicionais da filosofia natural aristotélica e da astronomia ptolomaica. Galileu estava consciente de não possuir, em rigor, uma prova do sistema heliocêntrico, mas percebeu que estas novidades celestes poderiam ser usadas como armas na campanha que então iniciou em favor do sistema heliocêntrico. Por isso se pode dizer que o grande debate cosmológico que ocupará todo o século XVII até à síntese newtoniana, teve o seu verdadeiro começo com as observações telescópicas de Galileu.

Convém ter presente as enormes dificuldades que o cientista italiano teve de transpor. Uma delas, por exemplo, era relativa ao próprio instrumento com que levava a cabo essas descobertas. Os telescópios do início do século XVII são instrumentos muitíssimo rudimentares, com parâmetros ópticos muito deficientes – poderes de ampliação e resoluções medíocres – gerando

imagens afectadas por vários tipos de aberrações e distorções ópticas. Que Galileu tenha sido capaz de fazer descobertas tão notáveis com instrumentos tão deficientes é um dos maiores testemunhos do seu génio científico e da sua determinação de carácter, mas seria ingénuo não perceber que essas dificuldades foram obstáculos muito significativos para a aceitação dos novos fenómenos siderais.

O aparecimento do *Sidereus Nuncius* significou muito mais do que a revelação de novidades astronómicas e de um novo instrumento científico: Galileu alterou profundamente as regras de validação de novos factos científicos, transformou os códigos habituais de divulgação científica, fez um uso inovador das representações gráficas, questionou a tradicional separação entre filosofia natural e astronomia, redefiniu os próprios objectivos



Folha de rosto do *Sidereus Nuncius* (1610) de Galileu Galilei, o livro em que o sábio italiano descreveu as suas sensacionais observações telescópicas.

da astronomia. É impossível explicar aqui todas as consequências que estas alterações introduziram na prática científica, mas não oferece qualquer dúvida que há uma certa “modernidade” em ciência cujas raízes se podem relacionar com estes factos. E por isso, relembrar estes acontecimentos e o papel crucial desempenhado por Galileu, como se fez ao longo de 2009 com a realização do Ano Internacional da Astronomia, foi uma decisão mais do que justificada.

No ano passado lembrou-se também a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios portugueses, pelo então Conde de Oeiras. Os estudos e conferências que se realizaram ao longo de 2009, reunindo os melhores especialistas portugueses e estrangeiros, tiveram o mérito de recordar novamente a extrema complexidade desses acontecimentos, uma complexidade que impossibilita qualquer explicação simples e monocausal, ao mesmo tempo que apresentaram os resultados das mais recentes abordagens historiográficas, em geral mais serenas, mais críticas e mais profundas do que as de tempos passados.

Do ponto de vista do desenvolvimento científico e cultural, a expulsão da Companhia de Jesus do nosso país foi um acontecimento de contornos dramáticos. As correntes historiográficas dominantes durante o século XIX e quase todo o século XX olharam para estes acontecimentos de forma pouco crítica, tomando como base das suas análises os textos da própria propaganda pombalina – que, muito naturalmente, apresentam essa expulsão como uma “modernização” do ensino e da cultura. Mas este não é hoje o juízo da maior parte dos historiadores, e, em especial, não é o dos historiadores de ciência. Na impossibilidade de se fazer aqui nem sequer a mais breve das análises, recordam-se apenas alguns números. Acerca da reforma do ensino secundário importa ter presente que em 1759, nas vésperas da expulsão, o número estimado de alunos em colégios jesuítas de Portugal andaria pelos 20.000. O desmantelamento da rede jesuíta de colégios correspondeu efectivamente a um colapso de proporções impressionantes pois o país só voltaria a registar o mesmo número de alunos no ensino secundário no princípio do século XX, isto é, 150 anos depois¹. Quanto ao ensino universitário, nas décadas que antecederam a reforma de Pombal, mais precisamente nos anos entre 1724 e 1772, o número médio de alunos na universidade de Coimbra foi de 2.827 alunos por ano. No período posterior à Reforma, entre 1772 e 1820, este número contraiu-se para uma aterradora média anual de 451 alunos². Uma quebra vertiginosa à qual, para ser mais completo e rigoroso, se deveriam levar em conta os alunos universitários perdidos com o fecho da universidade de Évora.

¹ António Leite, «Pombal e o ensino secundário», in: *Como Interpretar Pombal? No bicentário da sua morte* (Lisboa: Brotéria; Porto: Livraria A. I., 1983), pp. 165-181.

² Vid. Manuel Alberto Carvalho Prata, «A Universidade e a Sociedade Portuguesa na 2ª metade do século XVIII», in Ana Cristina Araújo (coord.), *O Marquês de Pombal e a Universidade* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000), pp. 298-300.



A China soube das novidades galileanas por um português: O *Tianwen lue* (*Sumário de questões sobre o Céu*), redigido em 1614 por Manuel Dias, explica pela primeira vez em chinês as observações telescópicas que Galileu fizera, em Itália, entre 1609-1611.

Os efeitos desta contracção brutal no universo educativo do país (pré-universitário e universitário) sentir-se-iam durante muitas décadas, afectando drasticamente toda a vida cultural e as actividades científicas muito em particular. Além disso, o desaparecimento da rede internacional jesuíta e algumas medidas pombalinas, muito mais ideológicas do que sensatas, como o abandono do latim na redacção de textos científicos universitários, condenariam a ciência praticada no nosso país na segunda metade do século XVIII, e mesmo nas décadas seguintes, a uma dolorosa marginalidade europeia. Os matemáticos José Anastácio da Cunha e Daniel Augusto da Silva, por exemplo, escrevendo em português e não dispondo de canais para a divulgação dos seus importantes textos, acabaram por ter um impacto irrelevante na ciência europeia do seu tempo. Há também indicações fortes que levam a suspeitar que o património científico dos colégios jesuítas foi selectivamente destruído, para não permitir a mais pequena contradição ao axioma pombalino de que a Companhia de Jesus havia ignorado e sufocado o cultivo das ciências; pelo menos a habitual invocação do terramoto de 1755 para explicar o quase total desaparecimento desse património, não parece hoje em dia credível. Todos estes assuntos foram analisados em comunicações e publicações apresentadas no ano passado e sobre eles sabe-me muito mais agora do que há décadas atrás.

* * *

O que é ainda pouco conhecido fora dos círculos de especialistas em história da ciência é que a Companhia de Jesus foi a porta de entrada das novidades galileanas no nosso país, a tal ponto que, se não fossem os matemáticos jesuítas, essas



Galáxia Messier 83

notícias só se teriam conhecido muito mais tarde em Portugal. De facto, nas primeiras décadas do século XVII, isto é, durante o período mais crítico dos debates cosmológicos, uma instituição em Portugal, a chamada «Aula da Esfera» do colégio de Santo Antão em Lisboa, tinha uma ligação muito estreita com o grupo de matemáticos do Colégio Romano e estes, por sua vez, estavam no verdadeiro centro europeu desses debates. Embora os historiadores do passado tenham, na sua esmagadora maioria, passado ao lado desta peculiar conjuntura institucional, é hoje reconhecido que a «Aula da Esfera» foi uma instituição a todos os títulos singular na história científica portuguesa. Nesta «Aula» se ensinaram ciências matemáticas e astronómicas ininterruptamente durante cento e setenta anos, o que é possivelmente um caso único no nosso país. Foi a mais internacional instituição de ensino na nossa história e entre os seus mestres se contaram alguns dos nomes mais eminentes da ciência do seu tempo. Aí se ensinaram e se praticaram, muitas vezes com carácter verdadeiramente pioneiro entre nós, temas científicos tão variados como a matemática, a astronomia de observação e a astronomia teórica, a náutica, a cosmografia, a teoria do calendário, a cartografia, a hidráulica, a estática, a óptica geométrica, a fortificação, a construção de instrumentos, etc.³. E foi por aí que as novidades de Galileu e o telescópio fizeram a sua entrada em Portugal.

Através dos canais proporcionados pela Companhia de Jesus, as notícias acerca de Galileu e as novas observações telescópicas celestes chegaram seguramente a Lisboa muito cedo. Em 1612 essas notícias já haviam alcançado a Índia, de onde um missionário jesuíta escrevia para a Europa pedindo mais informações. Espan-

tosamente, já em 1614, um missionário português em Pequim fora informado desses descobrimentos e, entusiasmado, redigira um resumo dessas novidades, em chinês. O texto em questão é o *Tianwen lüe* (*Sumário de questões sobre o Céu*), escrito pelo jesuíta português Manuel Dias júnior (1574-1659), e que tem a honra maior de ser o primeiro texto que deu a conhecer as descobertas telescópicas de Galileu na China. O texto causou grande impacto entre os literatos chineses e foi reeditado várias vezes.

Em 1614 veio de Roma, para leccionar matemática na «Aula da Esfera», o italiano Giovanni Paolo Lembo (ca. 1570-1618) que em Roma construía os primeiros telescópios dos jesuítas e que conhecera pessoalmente Galileu no período em que este e os astrónomos do Colégio Romano trocavam informações acerca das suas respectivas observações. Recorde-se que em Maio de 1611 Galileu fora recebido apoteoticamente nesse colégio, naquilo que foi a primeira grande cerimónia de consagração na vida do cientista. O curso que Giovanni Paolo Lembo leu em Santo Antão nos anos 1615-1617 é um documento da maior importância na história da ciência em Portugal, pois contém o registo das primeiras observações telescópicas feitas no nosso país e a indicação da construção dos primeiros telescópios entre nós. Lembo descreve as observações por ele feitas em Lisboa com um «longemira», comentando detalhadamente as implicações cosmológicas desses novos factos. Em particular, detém-se na explicação das fases de Vénus, observação que, como explica, mostra que o tradicional sistema geocêntrico de Ptolomeu não pode continuar a ser aceite. Para além de conter descrições das primeiras observações telescópicas realizadas em Portugal, o curso de Lembo tem também importantes instruções para a construção de telescópios, sendo muito provável que a «Aula da Esfera» tenha sido a primeira instituição do mundo onde os alunos foram iniciados na construção de telescópios.

Nos anos seguintes foi na «Aula da Esfera» que se continuaram a fazer observações com telescópios e a discutir as suas profundas implicações. Todos os professores da «Aula da Esfera» colocaram a discussão das observações telescópicas de Galileu no centro das suas lições. Todos eles rejeitaram o sistema ptolomaico e, recusando a adesão ao sistema copernicano, optaram pela solução intermédia do sistema de Tycho Brahe. Deveu-se também a um professor dessa Aula, o jesuíta Cristóvão Borri, a publicação da *Collecta astronomica*, o primeiro impresso com explicações detalhadas acerca das novidades galileanas e do funcionamento do telescópio.

Por muito surpreendente que isso possa parecer aos menos conhecedores da história científica nacional, a comemoração dos quatrocentos anos das descobertas telescópicas de Galileu em Portugal é, antes de mais nada, a celebração da «Aula da Esfera» do colégio de Santo Antão, e a lembrança de um tempo em que, por via dos canais proporcionados pelos jesuítas, as mais recentes novidades científicas circulavam entre Portugal, a Europa e o resto do Mundo com uma grande celeridade, enchendo de espanto tanto os astrónomos de Pádua e Lisboa, como os de Goa ou Pequim. ■

³ Vid. Henrique Leitão, *A Ciência na «Aula da Esfera» no Colégio de Santo Antão, 1590-1759* (Lisboa: Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier, 2007); *Sphaera Mundi: A Ciência na «Aula da Esfera»*. *Manuscrisos Científicos do Colégio de Santo Antão nas colecções da BNP*. Comissário científico: Henrique de Sousa Leitão; coordenação técnica: Lígia de Azevedo Martins (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008).

TRÊS PERGUNTAS DE ALGIBEIRA SOBRE: AGRICULTURA

*Responde António A. Monteiro**

1. Os transgénicos: sim, não ou talvez?

Sim, mas com cuidado. Trata-se de uma ferramenta maravilhosa, que pode trazer enormes benefícios para a Humanidade se for utilizada adequadamente. Claro que há riscos potenciais associados à utilização de transgénicos. Mas poderemos dispensar as suas enormes vantagens pensando unicamente nos riscos?

Os transgénicos, ou OGM, são seres vivos, animais, plantas ou microrganismos que foram sujeitos a técnicas de engenharia genética. Através destas técnicas é possível retirar genes (ou seja, pedaços de uma molécula de ADN) de um organismo e introduzi-los noutra organismo, que vai adquirir as características induzidas por esses genes e transmiti-las à sua descendência. Torna-se assim possível transferir genes entre organismos sem necessidade da reprodução sexuada, o que abre enormes possibilidades ao melhoramento genético. Os OGM podem receber genes de organismos que lhe estão próximos, como no caso de duas plantas semelhantes ou de organismos completamente diferentes. É esta segunda possibilidade que pode assustar os menos informados. Por exemplo, transferir um gene de um peixe do Ártico para o morangueiro, para aumentar a resistência desta planta ao frio.

Os OGM começaram mal, ou seja, houve uma introdução precipitada e demasiado voltada para o lucro imediato. A opinião pública assustou-se e reagiu desfavoravelmente aos OGM, considerando-os um perigo para uma data de coisas. Muitas pessoas são simplesmente contra e utilizam numerosos argumentos para justificar a sua posição. Contudo, eu penso que quando se procuram demasiados argumentos é porque não existe nenhum suficientemente convincente. Não é possível no curto espaço desta entrevista discutir em detalhe o que se diz em desfavor dos OGM, mas a informação circula abundantemente na Internet.

Pelo contrário, os OGM têm um fortíssimo argumento a seu favor, que são os benefícios do ponto de vista alimentar, económico, social e ecológico, que a sua utilização racional pode trazer para a Humanidade. É nesses benefícios que eu acredito. É caso para perguntar se nos podemos dar ao luxo de ignorar uma tecnologia que permite obter plantas mais produtivas, melhor adaptadas ao meio e das quais podemos obter produtos de melhor qualidade. Por exemplo, a utilização de plantas com resistência contra maior número de pragas e doenças permitirá baixar drasticamente a aplicação de produtos químicos. A melhoria da capacidade de conservação dos alimentos evitará

o enorme desperdício que actualmente se verifica. A qualidade da alimentação beneficiaria com a maior utilização dos chamados alimentos funcionais.

É bem de ver que a introdução destas novas plantas nos sistemas de produção tem de ser escrutinada com rigor para evitar eventuais danos irreparáveis. Contudo, o conhecimento científico existente dá-nos confiança para avançar com passos curtos e seguros. Não precisamos de correr, correndo o risco de tropeçar e cair.

2. A Agricultura e os astros: têm alguma relação credível ou esta vive apenas da superstição ou dos palpites do Borda d'Água?

Permita-me que lhe responda com outra pergunta. Se os astrólogos e os seus seguidores acreditam na influência dos astros nos seres humanos, porque não acreditar também que os astros influenciam as plantas e os animais? O saber popular está cheio de recomendações sobre a oportunidade de determinadas actividades, habitualmente reguladas pelas fases da lua. Cortar árvores no quarto minguante, semear as culturas no quarto crescente, fazer colheitas no quarto minguante e por aí fora.

Nunca encontrei qualquer fundamento científico para estes procedimentos. Lembro-me até de uma prestigiada revista de horticultura americana ter publicado um artigo em que se provava que a intensidade luminosa do luar é demasiado fraca para ter qualquer efeito sobre as plantas.

Contudo, muitas plantas reagem à variação da duração do dia. São plantas que têm comportamento fotoperiódico, o qual está bem estudado do ponto de vista científico. Por exemplo, o crisântemo só produz flores quando os dias têm menos de um determinado número de horas, por isso florescem sempre no final de Outubro a tempo de serem utilizados no Dia de Finados. Outras plantas, como os espinafres, florescem nos dias longos, ou seja, dão flores no final da Primavera. Os dias curtos de Outono são um sinal, para as árvores de folha caduca, de que o Inverno se aproxima. A queda das folhas inicia-se muito antes de o frio chegar, porque as árvores receberam o aviso dado pelo encurtamento dos dias.

Há muitos adágios populares, ligados à previsão do tempo, relacionando os astros e os fenómenos meteorológicos. Todos já ouvimos por exemplo dizer “geada na lama dá chuva na cama”, “vento de norte leão ou dá chuva ou suão” ou então associar determinados aspectos do céu com a eminência de chuva. Tratam-se de associações de tipo empírico entre fenómenos meteorológicos, cuja razão de ser é hoje facilmente explicada pelo conhecimento científico. Quando não havia ainda meios

* Prof. catedrático.

Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa.

para fazer previsões meteorológicas, estes adágios eram uma ferramenta essencial para decidir da oportunidade dos trabalhos agrícolas mais dependentes das condições meteorológicas. Contudo, nunca encontrei provas da influência dos astros no comportamento das plantas, pelo que a associação entre os astros e o êxito de determinadas actividades agrícolas fica para quem acredita na astrologia. Pela minha parte prefiro utilizar ferramentas mais racionais.

3. Ainda se pratica agricultura a sério em Portugal ou será que – e apenas por causa da crise – nos limitamos a uma agricultura de subsistência?

Pratica-se agricultura a sério e de forma altamente competitiva em Portugal, embora a ideia que passa para a opinião pública seja a de que a agricultura está a desaparecer. Acontece o mesmo com outros sectores da actividade económica onde estão a ocorrer grandes transformações, como a indústria e algum comércio. Estando os serviços a ocupar um espaço cada vez maior da nossa actividade económica e a ser responsáveis por uma parcela crescente do PIB, as actividades produtivas tradicionais, como a agricultura, tendem a diminuir em termos relativos.

A globalização e a abertura dos mercados têm provocado rupturas no tecido empresarial. Numa situação de elevada competitividade os menos aptos deixam a actividade ou restringem-na a uma agricultura de subsistência. Pelo contrário, os agricultores com maior capacidade empresarial aproveitam as oportunidades e muitos estão a ter enorme sucesso. A realidade é muito diferente conforme o local para onde olhamos. Ser formos para o interior centro e norte vemos campos abandonados, agricultores envelhecidos e descapitalizados. Se olharmos para o litoral ou para o Vale do Tejo e Alentejo, vemos empresas bem dimensio-

nadas e competitivas, tecnologicamente evoluídas, exportando parte da produção. As fileiras do vinho, azeite, fruta e legumes são exemplos de actividades onde se trabalha bem. Portugal nunca exportou tanta pêra como actualmente. Assiste-se a um “boom” na plantação de olivais, o que fará com que dentro de alguns anos Portugal possa ter uma olivicultura das mais competitivas da Europa.

As alterações nos hábitos de consumo das sociedades desenvolvidas fazem com que se fale cada vez menos em agricultura e mais em agro-alimentar. Os produtos agrícolas à saída da exploração têm muito pouco valor acrescentado mas chegam ao consumidor com cada vez mais serviços incorporados, seja a embalagem, uma pré-preparação ou qualquer outro tratamento. Deixou-se de comprar alface e prefere-se comprar uma salada lavada e pronta a colocar na saladeira. As batatas passaram do saco de serapilheira para embalagens sofisticadas, em que são vendidas descascadas ou cortadas em palitos e prontas a fritar. Deixamos de saber como se produz aquilo que comemos e por isso a agricultura fica cada vez menos visível e mais longe do consumidor. O que não significa que tenha acabado. Pode até estar de melhor saúde que anteriormente.

Passados os anos difíceis da abertura dos mercados e da invasão de produtos estrangeiros, nomeadamente de Espanha, a produção nacional conseguiu organizar-se, recuperou parte do mercado nacional e nalguns casos consegue exportar. A pêra Rocha, o tomate fresco e em concentrado, as couves do Oeste, a uva de mesa no Alentejo, o vinho de forma geral, entre outros produtos, podem ser apontados como exemplos de sucesso na adaptação às novas oportunidades de mercado. No entanto, existem outros sectores onde há deficiente organização comercial e empresários mal preparados, o que os torna menos competitivos para competir com os produtos importados. ■

BENTO XVI EM PORTUGAL

Henrique Noronha Galvão

Na sequência dos Papas Paulo VI e João Paulo II, é agora a vez de Bento XVI fazer uma visita pastoral a Portugal. Ainda como Cardeal, Joseph Ratzinger esteve estreitamente ligado a Fátima. Presidiu à peregrinação internacional, no dia 13 de Outubro de 1996, em que pronunciou uma notável homília sobre “O sinal de Caná” (*Communio*, XIII [1996] p. 553-558) e, na sua qualidade de Prefeito para a Doutrina da Fé, assinou um documento esclarecedor sobre a Mensagem de Fátima por ocasião da divulgação da terceira parte do Segredo, a 13 de Maio de 2000. Eu próprio fui testemunha da alegria do Santo Padre quando, na habitual reunião dos seus antigos alunos em Castel Gandolfo, me comunicou, em Setembro passado, que viria este ano a Portugal.

Se a presença do sucessor de Pedro no Santuário de Fátima se reveste sempre de um particular significado, dada a ligação da Mensagem de Fátima com o Bispo de Roma na actualidade, a



Viagem Apostólica
de Sua Santidade
Bento XVI a Portugal

própria história de Portugal desde os seus inícios não pode ser entendida sem a sua ligação com a fé cristã, a Igreja e o próprio Papa. Será pois um revitalizar das nossas mais profundas raízes, ouvir o que nos tem a dizer o actual sucessor de Pedro, e que não poderá ser outra coisa senão recordar-nos o Evangelho de Jesus Cristo nas suas implicações concretas no contexto português de hoje. E para a Universidade Católica Portuguesa terá ainda relevância o facto de o actual Papa se ter notabilizado já como professor universitário de renome em várias Faculdades de Teologia da Alemanha, tendo-se também distinguido como perito no Concílio Vaticano II.

Depois da chegada a Lisboa, no dia 11 de Maio próximo, das cerimónias de boas-vindas no Mosteiro dos Jerónimos e da visita de cortesia ao Presidente da República, em Belém, o Papa celebra a Eucaristia, às 18h15, no Terreiro do Paço. No dia 12, quarta-feira, tem lugar, às 10h, o encontro com o mundo da cultura no Centro Cultural de Belém, seguido,

às 12h, do encontro com o Primeiro Ministro na Nunciatura Apostólica. Às 16h40 Bento XVI parte para Fátima. Após a visita à Capelinha das Aparições, recita Vésperas na Igreja da Santíssima Trindade com presbíteros, diáconos, religiosos e seminaristas. Às 21h30 é a recitação do Rosário e bênção das velas. O Secretário de Estado do Vaticano Cardeal Tarcisio Bertone preside à celebração da Eucaristia no recinto do Santuário. No dia 13, quinta-feira, Bento XVI preside à Eucaristia no recinto do Santuário, visitando então a Basílica onde estão os túmulos de Francisco Marto, Jacinta Marto e Lúcia de Jesus. Às 17h realiza-se o encontro com as organizações da Pastoral Social na Igreja da Santíssima Trindade, e, às 18h45, o encontro com os Bispos de Portugal na Casa de Nossa Senhora do Carmo. O dia 14, sexta-feira, é dedicado ao Porto onde, às 10h15, o Papa celebra a Eucaristia na Avenida dos Aliados. A cerimónia de despedida, no aeroporto internacional do Porto, está prevista para as 13h30. ■

PARA SEMPRE AUTORES E OBRAS

Professor Doutor Inocêncio Galvão Telles (9.Maio.1917/26.Fevereiro.2010)
Um breve testemunho

Mário Emílio Bigotte Chorão

Não sem temor e tremor, aceitei a honrosa incumbência de prestar um breve testemunho sobre o Professor Galvão Telles, que, após dilatada e fecunda jornada, acaba de deixar este mundo das coisas visíveis e percíveis. Receio não estar à altura da evocação que é devida ao eminente Académico e Jurisconsulto e não encontrar a justa medida para exprimir os sentimentos que me dominam.

O meu contacto com o Prof. Doutor Galvão Telles remonta à década de 60, quando, sendo ele Ministro da Educação Nacional, me nomeou para a Direcção do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa (GEPAE), presidida pelo Doutor Fernando Pessoa Jorge. Fiquei a dever-lhe mais tarde, uma vez cessado o mandato ministerial e regressado ao ensino, o chamamento à docência na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Além do desempenho de outras tarefas, assisti-o na leccionação da disciplina de Direito das Sucessões, secretariei-o na Direcção do Centro de Estudos de Direito Civil, por ele fundado, e ajudei-o na publicação definitiva dos trabalhos preparatórios do Código Civil respeitantes ao direito sucessório. Tornei-me, a seu convite, director-adjunto da revista *O Direito*, passando a acompanhá-lo

muito de perto no exercício das funções de director. Tive o privilégio de colaborar, modestamente, com o reputado Jurisconsulto, na redacção de alguns pareceres jurídicos. O reencontro com o Professor Galvão Telles na Universidade Católica, onde se abriu uma nova oportunidade ao seu magistério jurídico, constituiu para mim, operário dessa mesma vinha, um profundo motivo de satisfação.

Ao longo deste extenso e intenso itinerário, pude ir aprofundando o conhecimento da personalidade e da obra do Professor Galvão Telles, obra vasta e valiosa, no âmbito da investigação científica e do ensino, da política educativa e da acção cultural, do labor forense e da prática legislativa. Impressionou-me muito a qualidade didáctica, oral e escrita, do seu magistério, o “sentido prudencial” no ofício do jurista e do legislador, a lucidez e intuição reveladas no equacionamento e resolução dos problemas jurídicos mais complexos, a exemplar sobriedade dos seus pareceres, centrados no essencial e avessos a digressões doutrinais excrementos e a inflacionados aparatos bibliográficos.

A minha ligação ao Ministério da Educação permitiu-me testemunhar o dinamismo empreendedor e inovador de Galvão Telles, expresso em múltiplas iniciativas, como a

referida criação do GEPAE, a elaboração de um ambicioso projecto de Estatuto da Educação Nacional, a promoção do recurso às tecnologias audiovisuais, o forte impulso ao ensino e investigação com base nos Planos de Fomento, etc. Uma das notas que se evidenciava no convívio com o Professor Galvão Telles era, sem dúvida, a devoção à sua Escola, manifestada de forma reiterada e vária, mormente com a gozosa rememoração de eventos e figuras do passado, de um passado de que o ilustre Professor era uma memória viva e privilegiada, ancorada numa comunhão de vida iniciada em 1934. Lição memorável que a ele se deve foi também a do empenhamento na recuperação e renovação da centenária e prestigiosa revista *O Direito*, bem de um património cultural cuja preservação ele assumiu, nobremente, com inelidível dever. Essa obra meritória,

não isenta de dificuldades, soube o Professor Galvão Telles realizá-la com determinação e elegância, com ânimo aberto e dialogante, o que fazia das nossas reuniões de trabalho aprazíveis tertúlias.

Reconforta-me reconhecer que as minhas relações académicas e profissionais com o Professor Galvão Telles foram sempre nimbadas pelo *donum amicitiae*, que extravasava dos meros círculos de trabalho para o âmbito das nossas casas e famílias. É justo registar que a essa atmosfera dos afectos não era alheia a presença atenta e acolhedora de uma gentil Senhora: a Doutora Isabel Maria.

Evocando positivas aventuras do espírito, celebrando os seus bons frutos humanos e sociais, e envolvendo tudo isso na experiência feliz da amizade, adquirem sentido a *meditatio mortis* e a esperança da imortalidade. ■

IN MEMORIAM

Prof. Doutor Padre Albino de Almeida Matos

Sebastião Tavares de Pinho

No dia 25 de Março de 2009 faleceu o Padre Albino de Almeida Matos, membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa desde 1985. Era natural de Felgueiras, do concelho de Resende e diocese de Lamego, onde nasceu em 19 de Março de 1925. Ordenado sacerdote em 19 de Março de 1948, foi professor do Seminário de Resende durante 10 anos; desde 1957 frequentou o curso de Filologia Clássica na Universidade de Coimbra, em que se licenciou em 1962. Ensinou cadeiras da sua especialidade nos Colégios de S. Pedro e de S. Tomás de Aquino e no Colégio Progresso da mesma cidade, e ainda no Instituto Sant'Ana da Mealhada, bem como Filosofia Moral e Teologia Moral na Escola Normal Social de Coimbra. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian com vista à preparação do seu doutoramento desde 1966, e em 1969 foi nomeado leitor de Português e Literatura Portuguesa em Zurique, donde regressou em 1978, ano em que se doutorou em Literatura Latina Medieval, na Universidade de Coimbra, com a apresentação da tese *Hinos do Temporal Hispânico até à Invasão dos Muçulmanos*.

A partir de Outubro de 1978 passou a integrar o corpo docente da Universidade de Aveiro, como professor do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, e aí fez toda a sua carreira académica até ao grau de professor catedrático, alcançado em 1981. Além da sua intensa e variada actividade lectiva nas áreas da Literatura Portuguesa e Latina, e do trabalho de orientação de teses de graduação e de estágios pedagógicos, exerceu as funções

de presidente do Conselho Pedagógico e do Conselho Directivo do seu departamento e teve assídua e directa participação na sua sucessiva reestruturação e na criação de novos cursos. Organizou o primeiro curso de férias para emigrantes (*Lusitanis in diaspora*) e fundou e dirigiu até à sua jubilação a *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*.

Da sua produção escrita constam livros, como a tese de licenciatura sobre *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*, a tese de doutoramento atrás referida e o estudo *Tē Deum, Problema de autoria e composição*, e abundantes artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, acerca de vários temas da sua especialidade e particular preferência.

O Padre Albino de Matos, sendo professor universitário a tempo inteiro por permissão das autoridades de quem dependia, nunca esqueceu a sua qualidade de sacerdote, e não apenas cumpriu escrupulosamente as obrigações a ela inerentes, como se prestou a ajudar, nas tarefas da pastoral da Igreja, os seus colegas das áreas por onde repartiu a sua vida quer como estudante ou professor, em Coimbra e Aveiro, quer nas paróquias da sua diocese de Lamego, quando aí se recolhia.

Além disso, a par com as funções de professor da Universidade de Aveiro, Albino de Almeida Matos prestou também relevante e longa colaboração docente à Universidade Católica Portuguesa, designadamente na sua Secção de Viseu desde a sua fundação, no então Curso de Humanidades, do qual foi Director durante os cursos lectivos de 1985 a 1989, e a cujo corpo docente se manteve ligado até ao fim da sua vida activa. ■

IN MEMORIAM

*António José de Amorim Robalo Cordeiro**Cristina Robalo Cordeiro**

Sempre admirei a religião de meu pai, António José de Amorim Robalo Cordeiro, professor de Medicina, falecido a 10 de Fevereiro, com 83 anos de idade. Católico praticante e culto, leitor da *Bíblia* e dos teólogos, membro assíduo e activo de círculos católicos (como a equipa de Casais de Nossa Senhora), manteve-se, durante a adolescência, os anos de estudante universitário e a sua carreira profissional, fiel aos ensinamentos do catecismo da sua infância, na fé que partilhava com a nossa mãe como o mais precioso dos bens que queria transmitir-nos.

Mas se eu sabia como *vivia* a sua fé, onde buscava as forças que lhe permitiram, primeiro consagrar-se ao serviço do seu próximo no Hospital e na Universidade, e depois, ao longo dos 23 anos de uma doença que afectou o Outono da sua vida, reconfortar todos os que com ele conviviam com uma paciência e uma doçura constantes, desconhecia a forma como *pensava* essa fé que, claramente, ocupava o seu coração.

Surprendia-me com a coexistência, num mesmo espírito, da simplicidade – sem a qual a fé não pode nem nascer nem crescer – e da rigorosa lucidez inseparável do exercício da inteligência científica. Ora, o meu pai era simultaneamente um crente profundamente sincero e um homem de ciência que se entregava, como todo o verdadeiro investigador, à dúvida metódica. Claro que não foi o primeiro, nem será o último, a conciliar assim fideísmo e racionalismo, tendo cada um o seu domínio próprio de aplicação. E é verdade que o racionalismo científico não pode legitimamente, e sobretudo de forma pertinente, operar senão numa estreita região do ser, sendo a existência mais vasta do que a ciência. O meu pai sabia, como o demonstrara Blaise Pascal, que a escolha, para uma consciência moderna, não se faz entre a Razão e a Fé mas, muito mais, entre o Mistério e o Absurdo. E ele havia escolhido o Mistério.

E desse Mistério da fé fez, por assim dizer, o segredo da sua atitude perante a vida. Incrédulo face a qualquer forma de proselitismo e de propaganda, mas confiando na fecundidade do exemplo e da imitação (no sentido em que falamos da Imitação de Cristo), não procurava evangelizar ninguém senão pela irradiação da Esperança que o animava por inteiro.

Com 16 anos, na idade frágil em que muitos jovens abandonam a religião, julgando-se suficientemente fortes para afrontar sozinhos a prova vertiginosa da liberdade interior, havia definido, num texto intitulado “Meditação sobre a piedade” (Palestra proferida na sede da Juventude Católica de Castelo Branco, em reunião semanal da JEC, a 6 de Novembro de 1942²), a linha de conduta que seria a sua em matéria apostólica. Eis algumas linhas reveladoras destas “páginas de juventude”: “Que comecemos por nós próprios, que nos cristianizemos intimamente, em vez de, com perdas e vãs palavras, tentarmos, de balde, levar os outros à religião, quando apenas originamos neles sentimentos de dúvida, descrença e ceticismo.”

Muito mais tarde, num momento em que saíamos em família de uma missa onde o padre na sua predicação havia falhado qualquer carisma ou talento, confidenciava ao meu pai o escândalo perante um tal atentado contra a inteligência da fé, para não dizer simplesmente contra a inteligência. Como podemos não nos indignar em face de uma apresentação tão desastrosa da Verdade? O meu pai, tendo-me deixado falar, respondera então que mesmo um pobre sermão tinha o seu mérito e que, por mais penoso que tivesse sido aquele ensinamento, não deixava de ser uma ocasião para nos ensinar a humildade. Compreendi então que a humildade, num homem tão brilhante como o meu pai, resultava de uma ascese quotidiana e que ele aproveitava as mais ínfimas ocasiões para ultrapassar a tentação do orgulho.

Mas do meu pai quero apenas agora recordar uma virtude, a mais discreta e a mais difícil de imitar. Nunca e em nenhuma circunstância, o ouvimos maledicente, mesmo no abandono das confidências e das conversas familiares. Como se, para ele, o mundo fosse unicamente feito de homens e de mulheres de boa vontade. Não que desconhecesse as diferenças de qualidade, de carácter e de competência entre as pessoas. Tinha o olhar exercitado do clínico que sabe detectar a doença sob as aparências da saúde física ou mental. Tinha o sentido crítico e a capacidade de avaliação do professor que sabe reconhecer o talento e censurar a falta de aplicação.

* Vice-Reitora da Universidade de Coimbra.

² António José de Amorim Robalo Cordeiro, *Páginas de Juventude*, Coimbra, 2006, p. 26-33.

Mas a sua lucidez não o impediu nunca de olhar os seus pacientes, os seus estudantes, os seus colegas, os amigos, a família e todos os que o rodeavam com um respeito absolutamente, estranhamente sincero. O respeito devido aos filhos de Deus.

A força do seu espírito, a sua luminosa inteligência, o seu inquebrável idealismo, aliados à generosidade de um coração simples e puro e a uma imensa confiança na bondade da natureza humana encheram a nossa vida de alegria, de serenidade, de uma beleza renovada a cada instante no sorriso que nunca a ninguém negou, na palavra

de coragem ou de esperança com que sempre ajudou cada um de nós a construir a vida.

“Bem-aventurados os puros de coração [...] bem-aventurados os que promovem a paz”.

E no silêncio que hoje sobre nós de repente se abate, é ainda a sua voz que ouvimos, meiga e firme, a dar-nos alento, a encorajar-nos, a ensinar-nos o caminho. O nosso pai ajudou-nos, a nós filhos e netos a entever na terra o que será um dia a beatitude de um mundo reconciliado. ■

Manuel Barbosa da Costa Freitas, OFM
filho de António Miranda da Costa Freitas e de Leonor Maciel Barbosa
n. Barroelas, Viana do Castelo, 26 de Fevereiro de 1928
m. Convento da Luz, Lisboa, 2 de Janeiro de 2010

José Silva Rosa

Visitei o Pe. Costa Freitas, já acamado, no Convento da Luz, dois dias antes da sua morte. Há vários dias que não era fácil falar com ele, mas nunca deixou de me reconhecer e de me tratar pelo nome. Notando eu o ríctus de dor que, de vez em quando, lhe afforava ao gesto, disse-lhe: *Pe. Freitas, quer beber água?* Nesse momento virou-se para mim, os olhos brilharam e o seu rosto iluminou-se: *Ó Zé, tu és capaz de me dar água?! Dei-lhe então a beber, lentamente, alguns goles que ele ia sorvendo com imenso deleite. O organismo está a absorver o fresco*, dizia. E vieram-me então à mente, de golpe, os muitos momentos em que – a propósito do diálogo de Jesus com a Samaritana, no evangelho de João, ou no meio de um comentário a um Sermão de Santo Agostinho, ou ao expor o pensamento de Marx sobre *o ópio do povo*, ou ainda na recordação do *dar de beber à dor*, do fado da Amália –, a água, a sede, a secura, o desejo, a sofreguidão, a saciedade, a repleção, tinham sido nas suas conversas os símbolos da lição essencial da *Philosophia*, do amor pela sabedoria.

Conheci o Professor Costa Freitas nas aulas de Filosofia Medieval, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, em 1989, em cuja Faculdade de Teologia, trinta anos antes, em 1969, ele entrara como docente de Filosofia. E destes vinte e um anos em que beneficei do seu magistério, do seu convívio, da sua amizade, do seu fino humor, da partilha de leituras, de preocupações, de sonhos e aspirações, posso testemunhar que o Pe. Costa Freitas foi um Acadé-

mico exemplar (Professor Catedrático, em 1984; Jubilação, em 2003), que tudo fez pelo prestígio e o bom nome da Universidade Católica e da sua Sociedade Científica em particular; foi um Amigo dos seus amigos (e amigo até dos seus inimigos, como várias vezes pude confirmar), muito em especial nos momentos difíceis da vida; foi um Franciscano dedicado à sua Ordem e à mais difícil das pastorais, a *pastoral da inteligência*; foi um Sacerdote que dignificou a Igreja portuguesa; foi um professor disponível e dedicado aos seus alunos, aos quais sempre *suscava a inteligência* (expressão muito dele) para que nunca dormissem sobre os livros e o que já tinham adquirido, mas sempre procurassem beber de outras fontes, ir mais além (aliás, amiúde aconselhava a *queimar os livros* e, depois que tinha conseguido obter com esta provocação mais um pouco de atenção, acrescentava: *mas só depois de os ter estudado bem e de já não precisar deles*). Aliás, nesta demanda levava ele próprio a dianteira e era disso testemunho vivo para nós, como hoje reconhecem outros dos seus antigos alunos, não só da Universidade Católica, mas também da Faculdade de Letras Universidade de Lisboa e da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, onde também leccionou, dando razão ao que um dia dizia: *a minha obra são os meus alunos*.

A Universidade Católica Portuguesa, e em especial a sua Sociedade Científica (em prol da qual, que não apenas da sua Secção de Filosofia, muito trabalhou conjuntamente com os Professores Alexandre Fradique Morujão e Joaquim

Cerqueira Gonçalves) podem e devem estar legitimamente orgulhosas deste seu ilustre associado. Para lá do *opus* acima referido, temos aí a edição recente da maioria dos seus textos: *O Ser e os Seres. Itinerários Filosóficos*, 2 vols., Editorial Verbo, Lisboa, 2004. Esta obra foi pensada por alguns dos seus colaboradores, no âmbito do então Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da UCP, como um ramalhete ou paleta colorida e é-o de facto, tanto mais que os textos estão estreitamente relacionados com a sala de aula, com a diversidade da sua actividade docente, que era onde o Professor Costa Freitas se auto-transcendia e ‘voava’ nas asas do *spiritus qui ubi vult spirat*. Assim, ao longo das suas 1.360 páginas podemos ‘viajar’ pelo variegado universo teológico e filosófico do Professor Costa Freitas, reconhecendo nesses ‘itinerários’ também os núcleos fundamentais do seu pensamento essencialmente ‘nómada’. Já disse alhures que esses pólos aglutinadores se encontram no pensamento português (muito em especial em Leonardo Coimbra), no pensamento medieval (desde Santo Agostinho a Duns Escoto, passando por Boécio, Santo Anselmo, Ricardo de São Vítor, Boaventura, Santo António, sem nunca esquecer São Tomás de Aquino, ao contrário do que alguns detractores pretendiam), no espiritualismo francês (M. Blondel, Ch. Péguy, H. Bergson, M. Pradines, G. Marcel, J. Nabert, M. Nédoncelle, L. Lavelle, P. Ricoeur, J.-L. Marion, S. Breton, M. Henry, J.-L. Chrétien *et alii*) e na fenomenologia e filosofia da religião (I. Kant, F. Hegel, L. Feuerbach, K. Marx, F. Nietzsche, S. Freud; M. Petazzoni, W. Schmidt, R. Otto, G. Dumézil, M. Eliade, M. Meslin, *et alii*). Mas tal arrumação é, evidentemente, muito esquemática, pois importa sublinhar, em toda a sua lavra, o solo originário e fecundo

da Ontologia e a intencionalidade ética (no sentido da *scientia practica* de São Boaventura).

Referi acima o seu ‘pensamento nómada’. Para quem não o conhecia de perto, e dele tinha sobretudo a imagem pública, esta expressão parecer-lhe-á inusitada. Mas o convívio crítico com Nietzsche, durante muitos anos, deu-lhe uma maior consciência quer dos mecanismos ínvios e misteriosos da psicologia humana quer um sadio e franciscano *sentido da terra*. De facto, apesar de muitos terem do Pe. Costa Freitas a imagem de um homem conservador, da tradição, da instituição, etc., a verdade é que ele, ao contrário, se considerava um homem inconformado, e até mesmo rebelde, sem qualquer jeito para as manhas das instituições. Muitas vezes vi nele a coexistirem, a este propósito, a inteligência fulgurante e a inocência mais pura (ou seria antes sobreconsciência, bondade, *caritas*?). Falando com ele, uma vez, a este respeito, entre muitas outras coisas, disse-me: *sabes, as pessoas perdoam-nos facilmente o mal que fazemos; mas algumas nunca perdoam o bem que lhes fizemos*. Esta é, sem dúvida, uma das *colheitas da tarde* ou *colheitas do fim do dia*, de que amiúde nos falava: não é que a filosofia só levante voo ao anoitecer, mas há coisas que só a experiência de vida de cada um pode iluminar.

Meu Querido Pe. Freitas: comecei com a água, passei pelo ar, pelo fogo e pela terra; voltemos à fonte, que este ano, antes da Primavera, jorrou para si entre o Natal e a Epifania. Uma das frases que mais apreciava de Santo Agostinho era precisamente *a fonte vence o sequioso* (*Sermo* 159, 9: *Fons vincit sitientem*). É esta última imagem que quero guardar de si: a de um homem sequioso *ad maiora*, cuja fé e esperança era ser plenamente saciado. *Venite, benedicti Patris mei*. ■

Texto de Costa Freitas, *seleccionado por Joaquim Cerqueira Gonçalves*

“A morte existe e é, sem sombra de dúvida, a sua realidade implacável que repõe constantemente o tema da fatalidade e do destino. O cristianismo, tomando a sério o carácter trágico da morte, oferece a esperança de uma ressurreição, de um novo nascimento, em cuja construção a liberdade humana é parte integrante e decisiva. Como escreve Leonardo Coimbra, a «árvore entrega as sementes ao capricho do vendaval, o homem escolheu a inclinação a que obedece».

Em poucos versículos, o livro do *Eclesiastes* resume tudo quanto o homem pode pensar e dizer sobre a sua condição mortal – *quando o homem parte para a sua casa de eternidade* –, que nos põe à beira do desespero. Por sua vez, o livro de *Job* ilustra de modo sublime o problema e o mistério do mal, a provocar sentimentos de revolta. A ambos responde a fé cristã com a esperança da ressurreição numa vida nova em Cristo morto e ressuscitado.”

(Manuel Barbosa da Costa Freitas, “A Morte”, em *O Ser e os Seres. Itinerários Filosóficos*, volume II, Ed. Verbo, Lisboa, 2004, pp. 265s.).

OBRAS DE ARTE NA UCP

NOSSA SENHORA DA SABEDORIA (*Virgem da Sapiência*)

Maria Isabel Roque

Escultura de vulto a três quartos e costas escavadas, assente sobre base marmoreada e de perímetro irregular.

Figuras representadas em postura hierática e frontalizada, num esquema de acentuada simetria, no qual as figuras se encontram dispostas transversalmente ao longo de um eixo vertical.

A Virgem, em majestade, com o corpo ligeiramente inclinado para a frente, encontra-se sentada num banco de perfil mistilíneo; o Menino, em pose igualmente majestática, senta-se sobre o joelho esquerdo da mãe, que o segura à frente com ambas as mãos.

A Virgem veste uma túnica vermelha de decote redondo e um manto azul posto sobre o ombro esquerdo, com a ponta direita traçada por cima do joelho e a outra caída em pregas verticais; na cabeça, apresenta um véu branco e curto, puxado atrás; as biqueiras dos sapatos são visíveis sob a bainha da túnica. O rosto é oval, com grandes olhos amendoados e traços finos no desenho do nariz e da boca.

O Menino, de cabeça descoberta, veste túnica e manto, repetindo o esquema do vestuário materno. O rosto, redondo, é emoldurado por cabelo curto e ondulado. À frente do corpo, apoiado sobre o joelho e amparado pela mão esquerda, apresenta o livro, atributo de sabedoria e representativo dos Evangelhos.

Características da escultura quinhentista, persistentes ainda durante o Maneirismo, são as fisionomias de sóbria serenidade, as linhas verticalizadas e os panejamentos de pregueados contidos.

A peça é proveniente da coleção de arte sacra do escultor António Duarte, tendo entrado no circuito comercial do antiquariato no início da década de 1990. Nessa altura, registava-se a falta da mão direita do Menino e de um dedo da mão esquerda da Virgem e os sapatos truncados da Virgem. Um restauro posterior interveio na camada cromática e colmatou aquelas falhas, nomeadamente, acrescentando ao Menino uma mão direita, num gesto de bênção incoerente com a posição do antebraço.

Esta representação iconográfica é uma variante dos modelos bizantino da *Theotokos*, a mãe de Deus, entronizada e em majestade, numa atitude rigorosamente frontal e solenizada, e da *Hodegetria*, aquela que indica o caminho, apresentando o Filho, sentado sobre os seus joelhos.

O título de *Virgo sapientissima* ou de *Mater sapientiae* deriva da invocação mariana como *Sedes sapientiae* (trono da sabedoria), inserida nas litánias medievais, posteriormente sistematizadas nas *Litaniae Lauretanae*, criadas no início do século XVI, e confirmadas pelo Papa Sixto VI, em 1587, nas *Litaniae Beatae Virginis Mariae*. Esta invocação identifica a Virgem, receptáculo de Cristo incarnado, com o trono de Salomão. A descrição da sabedoria como “um sopro do poder de Deus, uma irradiação límpida da glória do Omnipotente, pelo que não se pode encontrar nela a menor mancha” (Sab 7, 25) confirma esta personificação pela simbiose com a essência do mistério da Encarnação. A Virgem é o trono, no qual o Filho, chamado “Sabedoria de Deus” (1 Cor 1, 24-30), tem assento.

Bibliografia:

ANDRADE, Sérgio Guimarães – *Escultura Portuguesa*. Lisboa: CTT Correios, 1997.

HALL, James – *Diccionario de Temas y Symbolos Artísticos*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano*. Tradução de Daniel Alcoba. Madrid: Ediciones del Serbal, 1996. T. 1, v. 2. (Cultura Artística; 5).

Agradecemos à Senhora Prof. Doutora Maria da Glória Garcia as informações fornecidas acerca do historial da peça.



Nossa Senhora da Sabedoria
(*Virgem da Sapiência*)

Autor desconhecido.

Escola portuguesa. Século XVI

Escultura em madeira policromada. Alt.: 94 cm
Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.

Santa Maria, Sede da Sabedoria

Avé Maria,
Sede da Sabedoria,
colo firme da Sapiência eterna,
que o Espírito derrama
nos corações disponíveis como o teu.

A oração, junto de ti
nos unifica na paz;
a fonte de silêncio
renova a nossa confiança;
o espaço de festa
reanima a nossa esperança;
o recanto de beleza
nos fortalece a caridade.

Santa Maria,
queremos ter-te ao lado,
gozar da tua companhia
para, em todos os saberes,
buscarmos a Sabedoria que nos apresentas;
em toda a investigação,
procurar a verdade
que a Sabedoria do teu Filho nos apontou;
em todos os passos
sabermos demandar uma vida mais plena
e abundante
que o único Mestre,
no teu regaço,
ensina.

Propriedade

Universidade Católica Portuguesa – Sociedade Científica
Palma de Cima – 1649-023 Lisboa
Tel.: 35 21 721 40 00 • Fax: 351 21 726 05 46
científ@lisboa.ucp.pt • www.scucp.ucp.pt

Directora Maria Lúcia Garcia Marques

Revisão Paula Gonçalves

Digitalização de imagem DigiCult

Paginação e Impressão SerSílito

Depósito Legal N.º 74994/94